



FARJALLAT, Célia Siqueira. Campinas de ontem e de anteontem. Correio Popular, Campinas, 10 jul. 1997.

Campinas de ontem e de anteontem

CÉLIA SIQUEIRA FARJALLAT

Há muito esgotaram-se as edições dos livros do saudoso amigo jornalista Júlio Mariano, e dentre eles, *Campinas de Ontem e Anteontem*. O exemplar que possuo, devo-o à gentileza de seu filho, prof. dr. Júlio Mariano Júnior, que além de renomado advogado e historiador é primoroso desenhista.

Júlio Mariano, o Velho, como costumava assinar suas matérias, foi jornalista do nosso **Correio Popular**, durante anos e anos. Repórter, articulista e cronista. Possuía um estilo limpo e enxuto. Historiador, procurava em documentos, na observação e na tradição oral, as fontes, de onde retirava o arcabouço de suas matérias. Possuía talento e humor. E devo-lhe lições de paciência e de técnica, lições de vida, que me têm ajudado muito profis-



sionalmente.

Ele próprio definiu o conteúdo de *Campinas de ontem e de anteontem*: "Quadros Históricos menos conhecidos da Cidade-Princesa, que se traçaram tendo por base documentos inéditos do Arquivo da Câmara Municipal de Campinas". Dedicou o livro à memória de Benedito

Otávio e Leopoldo Amaral, aquele "historiador, poeta, dramaturgo e jornalista; este, incomparável Mestre de Bairrismo, que nos legou o relicário, que é *Campinas-Recordações*".

Há uma riqueza tão grande de assuntos curiosos nesta obra, que a dúvida fica na escolha. Afinal, decido-me. Como professora, claro, eternamente ligada à minha antiga Escola, preferi relembrar o que Mariano disse sobre as escolas públicas do tempo de mestre Custódio Manco. Começa dizendo o quão desmoralizante fora o índice de

analfabetismo no país, ao amanhecer da República, não se devendo, contudo, culpar de indiferentismo ao problema os homens do governo do Império. Informa que na Província de São Paulo, em meados do século passado, cidades e até vilas e freguesias possuíam escolinhas.

Os professores públicos eram poucos, o trabalho bem árduo e malpago (desde sempre). Mais rendoso era possuir alunos em cursos particulares, embora fossem módicas as mensalidades. Vale lembrar que no tempo do Império eram comuns os editais, afixados aqui e ali, pondo em concurso cadeiras de primeiras letras para ambos os sexos. O cronista Mariano informa que em Campinas, entre 1845 e 1865, foram tantos os Editais do Presidente da Província aqui chegados, que se conclui haver sempre vagas para a escola do antigo mestre Custódio José Inácio Rodrigues, apelidado Custódio Manco.

Tinham cursos particulares os

mestres Francisco de Paula Vilarinho, Luiz A. de Castro e Joaquim Fernandes, que ensinavam leitura, escrita, aritmética elementar, ao preço de duas patacas, quando não havia um cruzado. A pataca valia 320 réis, e o cruzado 400 réis. O ensino público era gratuito, mas menos procurado.

A Câmara impressionou-se com o fato, e quis saber o motivo. Os vereadores Antonio Joaquim de Sampaio Peixoto, Joaquim Quirino dos Santos e José de Souza Campos determinaram que o fiscal da Municipalidade, Salvador Ribeiro de Moraes Pinto fosse investigar o caso de não haver procura na Escola Régia, naquele ano de 1837.

Os pais alegaram vários motivos. O mais comum: as crianças não aprendiam nada na Escola Régia (Diziam: não têm adiantamento...) E Mestre Custódio Manco? Quem foi ele? Tinha fama de truculento, usava e abusava da vara de marmelo e da palmatória

tregues ao Fiscal, "era um mestre bonachão, cochilava em aula e os alunos não tinham sujeição alguma..." Apesar de tudo, Custódio Manco agüentou-se no magistério durante muitos anos, até 1846.

Havia escolas para meninas? Certamente. Em 1844, foi criada em Campinas a primeira Escola Pública Feminina, e no ano seguinte, a Primeira Escola Pública de Latim e Francês; aquela, com a professora Jacinta Rosa de São José, a segunda com o professor Quirino do Amaral Campos. Esta última escola teve alunos, que ficariam famosos mais tarde, como: os filhos de José Teixeira Nogueira: Joaquim, José e João, o último seria mais tarde o Barão de Ataliba Nogueira.

E dentre outros garotos, João Teodoro de Siqueira e Silva, que em 1858 publicaria o primeiro jornal campineiro; a *Aurora Campineira*.